

DE MALAQUIAS A JOÃO BATISTA: A VOLTA DE ELIAS

Luiz Alexandre Solano Rossi

Introdução

João Batista pode ser considerado uma figura emblemática e que produz alta densidade simbólica. Não somente por conta de sua ação e reação diante das questões emergenciais relativas à vida que participou quanto de como essas mesmas ações e reações foram pensadas simbolicamente pelas primeiras comunidades cristãs. De fato, o João Batista das comunidades cristãs é muito superior ao Batista histórico. A maneira como as primeiras tradições cristãs abordam a vida e ministério de João Batista faz com que ele transcenda tempo e espaço, tornando-o um personagem ideal para os seus objetivos.

Figura emblemática também porque se relaciona tanto com o Antigo quanto com o Novo Testamento. Porque não poderíamos dizer que ele funciona como um elo de ligação entre os dois Testamentos. Afinal, o livro do profeta Malaquias finaliza anunciando o retorno de Elias e o advento do tempo messiânico e, de fato, Jesus inicia sua atividade de libertação dos pobres na Galileia, somente depois de saber da prisão de João Batista (Mc 1,14). No entanto, precisamos fazer uma certa distinção entre os Testamentos. A perícopes do profeta Malaquias não fala de João Batista e, sim, de Elias. Mas as tradições cristãs tratam João Batista como se fosse Elias. Sem sombra de dúvida que estamos diante de uma criação literária e teológica de tradições fundamentalmente cristãs.

O retorno do profeta Elias

“Lembrem-se da Lei do meu servo Moisés, que eu mesmo lhe dei no Monte Horeb, estatutos e normas para todo o Israel. Vejam! Eu mandarei a vocês o profeta Elias antes que venha o grandioso e terrível dia de Javé. Ele há de fazer que o coração dos pais voltem para os filhos e o coração dos filhos para os pais; e assim, quando eu vier, não condenarei o país à destruição total” (Ml 3,22-24).

Estamos acostumados a tratar Malaquias – o profeta – como se fosse nome próprio. Numa leitura mais do que rápida o associamos a uma pessoa e, conseqüentemente, o vemos como figura individualizada e histórica. Mas o livro de Malaquias não fornece qualquer informação biográfica sobre o autor. No livro do profeta Malaquias não encontramos “Malaquias”. Ao contrário, o termo *mal’aky* significa simplesmente “meu mensageiro”. E, além disso, seu significado poderia ficar mais claro se lembrássemos que a palavra *mal’ak* (anjo, mensageiro) é usada como sinônimo para profeta (cf. Is 42,19; 44,26; Ag 1,13; Ml 3,1; 2Cr 36,15-16). Estamos diante de um pequeno

texto que foi escrito por mãos anônimas. O título do pequeno livro, portanto, foi claramente emprestado da referência ao precursor escatológico presente em 3,1.

Mas essa situação não deve nos incomodar. Afinal, não precisamos necessariamente de legitimar o conteúdo do texto a partir de um nome de reconhecida reputação. Se por um lado o autor se encontra ausente é possível uma certa aproximação da época em que o texto foi escrito a partir do próprio conteúdo. E, relativamente a isso, tudo indica que o sentimento de indiferença alcançou de forma taxativa o povo nessa época. E a indiferença fez nascer o desânimo em relação às promessas que continuavam sem ser cumpridas. Pode-se dizer que a indiferença junto com o desânimo provocou dois fortes sintomas no povo: passaram a viver apáticos religiosamente e expressando falta de confiança em Deus e, conseqüentemente, o culto e a ética também entraram em colapso. Como confiar em Deus numa situação como essa?

Sicre (1990, p. 589) e Blenkinsopp (1983, p. 240) localizam o texto no século V aC, nos anos anteriores à reforma de Esdras e Neemias, provavelmente durante o reino de Xerxes (486-464) ou no reino de Artaxerxes I (464-425). Três dados extraídos do livro confirmariam essa data: 1) o templo está reconstruído (1,10); 2) o culto funciona (1,7-9); 3) os sacerdotes e levitas estão organizados (2,3-9). A intensa preocupação do autor com o culto junto com seu feroz ataque ao sacerdócio sugere, ainda que não se possa provar, que ele era ou um profeta do templo ou um levita.

Em resposta à pergunta que finaliza o capítulo 2 de Malaquias: “Onde é que está o Deus que faz justiça?” (2,17), anuncia-se o iminente advento de um mensageiro, chamado de o mensageiro da aliança, que prepararia para a teofania final no templo ao purificar os levitas e, assim, preparar a comunidade para o julgamento final (3,1-4). O parágrafo final do livro identifica este precursor escatológico como Elias que retornará dos céus antes do fim para reunir o Israel dividido.

A perícopes de Malaquias que é objeto preliminar de nosso estudo possivelmente seja uma unidade de discurso transmitida de forma independente das unidades anteriores. A linguagem é diferente o suficiente para sugerir que estes versos procedem de outra fonte. Na verdade, muitas das frases pertencem e dependem do repertório da tradição deuteronomica; por exemplo, “meu servo Moisés”, “estatutos e normas”, “Horeb” e “todo Israel”, e assim também temas como: o amor de Javé por Israel (Dt 7,7-8; Ml 1,2); o relacionamento pai-filho (Dt 1,21; 32,5-6; Ml 1,6; 2,10; 3,17); o nome de Javé (Dt 12,5; Ml 1,6; 2,2); o reconhecimento de Deus como o único Deus (Dt 6,4; Ml 2,15).

Particularmente, eu trabalho com a hipótese de que esse epílogo foi acrescentado num período bem posterior ao livro do profeta Malaquias como uma conclusão, mas não apenas como conclusão ao livro do profeta Malaquias, e sim à totalidade do *corpus* profético. Blenkinsopp (1983, p. 240) vai mais longe afirmando que além de servir de conclusão ao *corpus* profético como um todo, talvez sirva de conclusão “até mesmo à Torah e aos Profetas juntos”.

Sem sombra de dúvida é muito sugestivo que no final do livro do profeta Malaquias, em forma de apêndice, apareçam juntos tanto a Lei quanto a Profecia. Moisés e

Elias estão reunidos. No entanto, aquele que deve voltar é o que vive o ofício profético. Parece-me que a profecia adquire possivelmente maior relevância porque é próprio do profeta a conversão do coração (como podemos perceber na leitura de Jr 3,12.14; 15,19; 18,11). E, no Novo Testamento, mais precisamente em Mt 17,1-12, encontramos a impressionante cena de Moisés e Elias novamente reunidos, porém com mais um personagem – Jesus. Moisés e Elias nessa bela construção do evangelho mateano estão juntos para confirmar o messias – Jesus – que a partir do ofício profético que lhe é próprio converterá os corações.

O dia ainda futuro da vinda final de Javé está vinculado com o dia da manifestação divina por meio de trovão, fogo e fumaça num tempo distante sobre o Monte Horeb (Ex 19,16-25). Mas devemos observar que o Deus que vem para julgar não é um Deus desconhecido, e sim o Deus que já havia vindo como revelador de normas e estatutos.

O mensageiro que até então estava indefinido em 3,1 é agora identificado: o profeta Elias. Esta é uma das afirmações mais antigas a respeito da tradição do “retorno de Elias”. A tradição é corroborada pelo fato de que Elias não morreu, mas foi levado vivo para o céu (2Rs 2,11-12). A descrição de Elias (v. 5 e 6) já era muito bem conhecida no início do II século aC, visto que Jesus ben Sirac recolhe a lenda como coisa aceita (Eclo 48,10). De todos os profetas do passado somente ele é nomeado para retornar. Possivelmente poderíamos acrescentar que, além do fato de ele não ter morrido, a tradição ao redor dele permitia essa construção por alguns outros motivos; senão vejamos: a partir do contexto de Ml 3,22 podemos pensar no zelo de Elias relativamente à obediência à lei (1Rs 18), assim como a significativa experiência da manifestação divina que experimentou no Monte Horeb (1Rs 19). Somente o profeta que foi capaz de converter o coração do povo que adorava os deuses canaanitas poderia realizar o trabalho de reconciliação. Também não podemos deixar de perceber um profundo toque de ironia ao ver o profeta conhecido como o “perturbador de Israel” (1Rs 18,17) assumindo a tarefa de pacificador em seu retorno.

Mas, aparentemente, a tarefa de Elias em Malaquias é cercada de limites, ou seja, seus limites estão relacionados à “reconciliação” das gerações divididas. No entanto, é possível sair desses limites e alcançar novas possibilidades, tais como:

- a. na LXX a esfera da atividade de Elias alcança a restauração dos relacionamentos entre vizinhos;
- b. em Eclo 48,10 a esfera de atuação é a de “restaurar as tribos de Jacó”;
- c. na Mishnah ele está envolvido até mesmo na ressurreição da morte;
- d. em Mc 9,12 e Mt 17,11 espera-se que Elias “restaure todas as coisas”.

Tantas são as alternativas possíveis ao avançar sobre os limites e, com isso, encontrar novas possibilidades, que poderíamos nos confundir. No entanto, seja qual for a possibilidade escolhida o que de fato se deve refletir é que num momento de vital importância para o povo de Deus se faz necessária a intervenção do mensageiro – no caso de Elias.

João, o Batista

Parece-me claro que nos evangelhos sinóticos João Batista é identificado com Elias e ele age como um precursor do Messias (Mc 6,14-15; 9,11-13; Mt 11,13-14; 17,9-13 e Lc 1,17). A apresentação que os evangelhos fazem do ministério de João Batista (Mc 1,2-8; Mt 3,1-12; Lc 3,1-18; Jo 1,19-34) é inteiramente dominada por características cristãs, como por exemplo a descrição de João como Elias, sua atividade no deserto e sua doutrina social. Todavia, é necessário registrar que no evangelho de João, de forma contrária, João Batista nega sua identificação com Elias (Jo 1,19-21). Vejamos os textos:

| Mc 6,14-15 | Mc 9,11-13 | Mt 11,13-14 | Mt 17,10-13 | Lc 1,17 | Jo 1,19-21 |
|--|---|---|--|--|--|
| O rei Herodes ouviu falar de Jesus, cujo nome tinha-se tornado famoso. Alguns diziam: “João Batista ressuscitou dos mortos. É por isso que os poderes agem nesse homem”. Outros diziam: “É Elias”. Outros diziam: “É um profeta como os profetas antigos”. | Os discípulos perguntaram a Jesus: “Por que os doutores da Lei dizem que antes deve vir Elias? Jesus respondeu: “Antes vem Elias para colocar tudo em ordem. Mas, como dizem as Escrituras, o Filho do Homem deve sofrer muito e ser rejeitado. “Eu, porém, digo a vocês: Elias já veio e fizeram com ele tudo o que queriam, exatamente como as Escrituras falaram a respeito dele”. | De fato, todos os profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. Quem tem ouvidos ouça. | Os discípulos de Jesus lhe perguntaram: “O que querem dizer os doutores da Lei, quando falam que Elias deve vir antes?” Jesus respondeu: “Elias vem para colocar tudo em ordem. Mas eu digo a vocês: Elias já veio, e eles não o reconheceram. Fizeram com ele tudo o que quiseram. E o Filho do Homem será maltratado por eles do mesmo modo. Então os discípulos compreenderam que Jesus falava de João Batista. | Caminhará à frente deles, com o espírito e o poder de Elias, a fim de converter os corações dos pais aos filhos e os rebeldes à sabedoria dos justos, preparando para o Senhor um povo bem disposto. | O testemunho de João foi assim. As autoridades dos judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para perguntarem a João: “Quem é você?” João confessou e não negou. Ele confessou: “Eu não sou o Messias”. Eles perguntaram: “Então, quem é você?” João disse: “Não sou”. Eles perguntaram: “Você é o Profeta?” Ele respondeu: “Não”. |

Nos evangelhos estamos diante de uma grande reconstrução. Koester (2005, p. 81) afirma que todas as tradições sobre João Batista são, em sua forma presente, “criações da comunidade cristã”. Isso quer dizer que a inclusão tanto de João Batista quanto

de Jesus nas tradições cristãs confirma que os cristãos se consideravam os continuadores do ministério de Jesus e que viam João Batista como o precursor de Jesus. A citação, por exemplo, que Lc 3,4-5 faz de Is 40,3-5 mostra que João prepara a grande intervenção de Deus em Jesus, e que essa intervenção atingirá toda a humanidade.

Em Marcos podemos perceber que seu interesse maior está em contar o que João Batista usa (Mc 1,6: “João se vestia com uma pele de camelo, usava um cinto de couro e comia gafanhotos e mel silvestre”), pois, certamente, o porte de João evocava para os leitores de Marcos o profeta Elias (2Rs 1,8). De acordo com Myers (1992, p. 165) “o vínculo narrativo de João com Elias é bem conhecido dos estudantes de Marcos”, visto que esse vínculo aparece em intervalos decisivos quando a identidade de Jesus se acha em jogo (6,15; 8,28; 9,4).

Nas narrativas de Lucas existe uma integração entre passado e presente. Relativamente ao passado, encontramos o fato do nascimento de João Batista ser integrado ao mundo “dos antigos patriarcas, profetas e heróis das Escrituras Hebraicas” (Crossan, p. 23) e, relativamente ao futuro, percebe-se a “afirmação da primazia do nascimento de Jesus sobre o de João Batista” e, continuamente, sobre todas as figuras precedentes com as quais João havia sido associado. A conclusão parece-me simples: João é a condensação e a consumação do passado de seu povo, mas Jesus é muito maior do que João. Para Lucas, João é o Profeta Elias que prepara o dia da justiça de Javé que será realizada em Jesus (Lc 1,5-25).

Muitas vezes o leitor(a) tem a tendência de reduzir a ação de João Batista como precursor de Jesus. Todavia, não podemos suavizar a presença e o discurso de João Batista como precursor de Jesus sob o risco de diminuirmos a própria ação de Jesus.

Josefo (apud Myers, p. 166 e Koester, p. 82), por exemplo, afirma que João era tido pela corte de Herodes como ameaça subversiva e temia uma insurreição popular. A leitura que Josefo faz de João Batista nos leva a perceber, mesmo que indiretamente, que ele era um profeta escatológico e que sua mensagem trazia consequências políticas. Nesse sentido a observação de Koester (p. 83) adquire amplo sentido: “João Batista deve ser visto como um intérprete do espírito escatológico ou messiânico que impregnava grandes círculos da população judia da Palestina”. Além disso, Crossan (p. 57) o inclui entre os profetas apocalípticos camponeses e judeus que apareceram entre os anos trinta e sessenta do primeiro século e acrescenta enfaticamente: “João era o primeiro desses profetas apocalípticos de grandes movimentos e com base camponesa do primeiro século baseados no deserto e no Jordão [...]” (p. 58). E, novamente, enfatiza: “ele (referindo-se da João Batista) se tornou parte de uma rede dentro da terra judaica que esperava, sem dúvida com expectativa fervorosa e explosiva, o iminente advento de Deus como Aquele que vem. Possivelmente, Deus faria o que a força humana não podia fazer – destruir o poder romano” (p. 60).

João Batista é apresentado como um espelho de Elias: um profeta que se colocou contra o sistema (2Rs 1), que viveu como um peregrino pobre e que ainda renunciou aos privilégios humanos. Essa imagem torna-se mais clara a partir de Lc 7,24-26 onde

é possível perceber João atuando a partir da periferia e não do centro, exatamente porque somente a partir de fora seria possível pregar uma conversão que implicasse, de fato, uma verdadeira ruptura com o projeto de uma sociedade desigual e injusta que nega toda alternativa de salvação ao povo.

O programa teológico de João Batista permite visualizar a situação acima com certa facilidade. Em Lc 3,10-14 encontramos o itinerário teológico de João consubstanciado em três momentos que podemos descrever da seguinte maneira:

- a) nas relações interindividuais: exigência de solidariedade a partir da partilha dos bens elementares necessários à vida (v. 11);
- b) nas relações sociais: exigência de estrita honestidade (v. 13);
- c) nas relações de poder: exigência de uma postura de não violência e do abuso de poder em proveito próprio (v. 14).

Apesar de tudo, João sublinha que sua ação é apenas um sinal anunciador de uma obra muito mais decisiva. Ele ainda pertence ao Antigo Testamento – além disso, para Crossan (p. 24) o próprio relato da concepção de João Batista é construído a fim de continuar e até mesmo consumir o modelo do Antigo Testamento “em que o filho predestinado nasce de um casal infértil/idoso, de que sua própria concepção anuncia essa predestinação para a grandeza” –, e como último profeta (segundo a tradição lucana, Lc 16,16), “sua missão é provocar a conversão para que o povo esteja aberto e disponível para a manifestação do Reino de Deus, que virá com Jesus” (Storniolo, 1992, p. 34).

Conclusão

Elias, João Batista e Jesus. Muito possivelmente um mesmo itinerário teológico passe por todos eles. Seus discursos e práticas não são equidistantes. Na verdade, são muito mais próximos do que poderíamos suspeitar. Todos eles aparecem num momento histórico de alta intensidade. São protagonistas da ação de Deus a partir das margens.

Elias e João Batista estão presentes na memória do povo como agentes de Deus que em situações de desordem e caos social se posicionam ao lado dos mais vulneráveis da sociedade. Pessoas que não se sujeitam ao centro do poder, mas, ao contrário, criticam-no intensamente. O local privilegiado da ação deles é a partir da periferia. Nesse ambiente, discursos e práticas são construídos e alimentados a fim de construir a identidade do povo de Deus.

Referências bibliográficas

- BLINKINSOPP, J. *A history of prophecy in Israel*. Philadelphia: Westminster Press, 1983.
- CROSSAN, J.D. *Jesus – uma biografia revolucionária*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- GALLARDO, C.B. *Jesús, hombre en conflicto*. Santander: Sal Terrae, 1986.
- GNILKA, J. *El evangelio segun San Marcos*. Salamanca: Sígueme, 1997.

- KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento*. Vol. 2. São Paulo: Paulus, 2005.
- L'EPLATTENIER, C. *Leitura do evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- MATEOS, J. & CAMACHO, F. *O evangelho de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- MYERS, C. *O evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- ROLDÁN, A.F. *Jesús en acción: un comentario dinamico de Marcos*. Buenos Aires: Alianza, 2000.
- SICRE, J.L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- STORNIOLO, I. *Como ler o evangelho de Lucas*. São Paulo: Paulus, 1992.

Luiz Alexandre Solano Rossi
Rua Eurico Batista de Oliveira, 88
87053-336 Maringá, PR
email: luizalexanderossi@yahoo.com.br
Site: www.luizalexanderossi.com.br